África do Sul

Motor econômico da África Austral

Gilmar P. Henz[1]
Carolina H. Von der Weid[2]

A ÁFRICA DO SUL é o maior e mais desenvolvido mercado do continente africano, representando cerca de 40% do PIB de toda a África Subsaariana. Com uma população próxima dos 50 milhões, apresenta um PIB *per capita* superior a US$ 7.000 (2010), prevendo-se um crescimento médio anual de 4% ao longo dos próximos quatro anos. É uma economia emergente dotada de sistemas jurídicos e financeiros bem desenvolvidos e sofisticados.

O mercado sul-africano tem aumentado as importações de produtos agrícolas e alimentos nos últimos anos. Aliado a este fator e fruto dos diversos acordos comerciais e aduaneiros com países vizinhos, como membro da Southern African Development Community (SADC) e da Southern African Customs Union (Sacu), a África do Sul é a principal porta de entrada para o mercado da África Austral. Além disso, as redes varejistas sul-africanas são muito bem estruturadas e estão presentes em praticamente toda a região subsaariana.

A África do Sul vive um momento de reconhecimento internacional pelo sucesso na realização da Copa do Mundo em 2010 e por sua recente incorporação ao grupo dos Brics. Apesar de o país ser rico em minérios e ter avançado muito em infraestrutura, apresenta graves problemas sociais, como alta taxa de desemprego, estimada em mais de 32%; uma sociedade profundamente desigual, com aproximadamente 50% da população sobrevivendo com 8% da renda do país; problemas de integração racial ainda não resolvidos após o fim do regime do *apartheid* em 1994; e um complexo processo de reforma agrária e redistribuição de terras.

A agricultura comercial sul-africana é muito desenvolvida, com adoção de tecnologias modernas e alta produtividade, mas depende basicamente da produção de cerca de 40 mil fazendeiros brancos, de origem *afrikaner,* que detêm 80% das terras agricultáveis do país. Em contraste, a maioria negra ainda não foi contemplada pelo processo de reforma agrária, uma das principais promessas feitas pelo governo do Congresso Nacional Africano – ANC, partido no poder desde 1994.

Produtos de origem animal, culturas anuais e produtos hortícolas são os setores fundamentais da agricultura sul-africana.

A pecuária contribui com até 49% da produção agrícola, e o país produz, em geral, 85% de suas necessidades de carne, enquanto os restantes 15% são importados da Namíbia, de Botsuana, da Suazilândia, Austrália, Nova Zelândia e União Europeia. Os produtos de origem animal geraram renda bruta de US$ 9,2 bilhões em 2011, sendo a produção de frangos (US$ 3,2 bilhões), a de gado bovino (US$ 2,1 bilhões) e a de leite (1,3 bilhão) as mais importantes. O país também produz ovos, suínos, ovinos, caprinos e avestruzes.

O milho é a principal cultura do país e alcançou uma renda bruta de US$ 1,9 bilhão em 2011, correspondente a 44% do total das lavouras, estimado em US$ 4,3 bilhões. A produção de cana-de-açúcar (US$ 757 milhões) também é uma cultura relevante para o país, seguida por trigo, feno, girassol, soja e outras.

Os produtos hortícolas são tão importantes quanto as culturas anuais, gerando uma renda bruta de US$ 4,6 bilhões, com destaque para as frutas temperadas (US$ 1,2 bilhão) e hortaliças (US$ 1,1 bilhão), seguidas por citros, batata, viticultura, frutas subtropicais e outros produtos.

Entre 2008 e 2010, a Sacu importou de US$ 5,4 bilhões (2008) a US$ 4,9 bilhões (2010) em produtos agrícolas, sendo os principais arroz, trigo, torta de soja, óleo de dendê, misturas para pães e outros preparados, carnes e miúdos de frango, óleos vegetais (girassol e algodão), fumo, algodão, café, malte, rações e grãos de leguminosas.

Em valores absolutos, a Argentina é o país que mais exporta produtos agrícolas para os países da Sacu, principalmente torta de soja, alcançando US$ 611 milhões (2010), seguida por Tailândia (US$ 379 milhões), Brasil (US$ 377 milhões), Alemanha (US$ 350 milhões), Reino Unido (US$ 302 milhões) e China (US$ 294 milhões).

Negociações e perspectivas

O maior desafio no comércio bilateral agrícola do Brasil com a África do Sul é a balança comercial francamente favorável ao agronegócio brasileiro. Além de enfrentar diversas limitações climáticas e disponibilidade de terras, a agricultura sul-africana produz praticamente os mesmos produtos agrícolas que o Brasil, inclusive na mesma época de colheita para culturas anuais e frutas, tendo em vista que o país também está localizado no Hemisfério Sul. As poucas exceções são vinhos e licores, carne de avestruz e algumas frutas de clima temperado.

Desde o surto de febre aftosa no Brasil em 2005, as negociações para reabertura do mercado sul-africano para a carne bovina e suína têm sido difíceis e morosas, com reiteradas solicitações de detalhes técnicos acerca da condição sanitária dos rebanhos brasileiros e pressão brasileira na Organização Mundial do Comércio (OMC), em Genebra. A abertura do mercado sul-africano às exportações brasileiras de carne suína foi atrelada a "um maior acesso dos vinhos sul-africanos ao mercado brasileiro", uma negociação que o governo sul-africano denominou de *swine for wine*. Por sua vez, o governo brasileiro entende que é contra as regras do comércio internacional o condicionamento de questões sanitárias a questões comerciais, e o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) acionou o Comitê SPS da OMC em 2011 com uma Preocupação Comercial Específica, além de ter solicitado reuniões bilaterais paralelas. No estágio atual das negociações, é impossível definir prazos para a solução da questão, estando previstas reuniões bilaterais para discussão nos próximos meses.

Em junho de 2011, o setor avícola brasileiro foi surpreendido com o pedido de investigação de *dumping* nas exportações para a África do Sul. Mesmo antes de a investigação ter início, houve várias tentativas brasileiras, envolvendo empresas privadas, Ubabef, MDIC, Mapa, MRE e a Embaixada do Brasil em Pretória, para convencer as autoridades sul-africanas e a Southern African Poultry Association (Sapa) de que nosso país seguia as normas internacionais de comércio em mais de 120 países onde o produto nacional é comercializado. Em 10/2/2012, a Comissão de Administração de Comércio Internacional da África do Sul (Itac) decidiu sobretaxar o frango inteiro conge-

Importação de produtos agrícolas pela Southern African Customs Union (Sacu) de 2008 a 2010 (US$ mil)

	2008	2009	2010
Arroz	552.838	540.400	441.782
Trigo	516.018	333.999	286.213
Bebidas alcoólicas	8.873	8.632	17.749
Torta de soja	336.909	133.929	287.842
Misturas, farinhas, preparados secos	176.861	146.850	144.762
Óleo de dendê	346.894	276.209	312.519
Óleo de girassol e algodão	66.410	107.786	112.468
Carnes e miúdos de frango	225.553	222.583	250.611
Fumo	123.142	228.491	178.284
Algodão	61.486	56.767	53.168
Milho	32.421	26.302	12.004
Rações	84.588	81.032	85.628
Café	84.072	59.718	68.303
Couros	1.343	579	1.206
Cevada	23.571	7.494	15.592
Malte	55.777	65.781	36.916
Leite	27.687	15.945	23.560
Carne de ovinos e caprinos	36.883	17.220	16.283
Peptonas e outras proteínas	42.606	28.601	32.284
Leguminosas (grãos)	76.448	81.373	81.992
Outros	2.609.247	2.565.902	2.486.265
Total	**5.489.637**	**5.005.601**	**4.945.438**

Fonte: Department of Agriculture, Forest and Fisheries (DAFF), África do Sul

Países de origem de produtos agrícolas importados pela Southern African Customs Union (Sacu) de 2008 a 2010 (US$ mil)

	2008	2009	2010
Argentina	993.550	721.062	611.467
Tailândia	496.536	429.419	379.619
Brasil	516.419	493.654	377.316
Alemanha	199.667	298.985	350.236
Reino Unido	293.113	259.581	302.585
China	247.872	302.669	294.003
EUA	371.830	199.224	268.437
Malásia	296.291	216.597	253.617
Holanda	207.980	246.078	203.806
Austrália	132.546	135.180	116.023
Indonésia	222.953	181.065	197.136
Índia	161.392	124.173	155.159
França	175.575	165.963	134.033
Canadá	159.085	156.968	121.261
Itália	103.163	100.751	96.466
Zimbábue	93.301	95.176	94.760
Espanha	45.320	41.692	84.270
Bélgica	53.387	53.266	76.895
Nova Zelândia	60.978	45.060	58.684
Malaui	51.507	49.686	39.739
Outros	607.162	689.346	729.915
Total	**5.489.637**	**5.005.601**	**4.945.438**

Fonte: Department of Agriculture, Forest and Fisheries (DAFF), África do Sul

lado em 62,92% e os cortes desossados em 46,59%, afetando as exportações de quatro empresas brasileiras. De acordo com o governo brasileiro e a Ubabef, as tarifas aplicadas pela África do Sul são sem fundamento e tecnicamente mal embasadas. Aparentemente, a Itac deixou de ser um órgão independente e cedeu às pressões da indústria avícola sul-africana na questão, já que as importações representam apenas 16% do mercado local, e as principais empresas sul-africanas do setor vêm enfrentando dificuldades de competitividade.

Em razão da crise na União Europeia, tradicional importador de produtos agrícolas sul-africanos, como frutas, sucos, vinhos e carnes, o país está tendo dificuldades em encontrar novos mercados. As exportações sul-africanas de vinho experimentaram redução de 8% em 2011, e o setor de carnes foi afetado por surtos de febre aftosa em bovinos, peste suína clássica e gripe aviária em avestruzes.

Aparentemente, questões políticas e econômicas internas, como a alta taxa de desemprego, problemas de competitividade e sustentabilidade de empresas e a perda de mercados na exportação de produtos agrícolas têm tornado a África do Sul mais protecionista em relação ao setor. Estas dificuldades e a conjuntura internacional podem explicar as restrições recentes à carne de frango brasileira e novas exigências sanitárias, ainda não implementadas, em relação à Síndrome Respiratória e Reprodutiva dos Suínos (PRRS), mesmo para países exportadores de carne suína em que a doença não ocorre.

Com todos os problemas internos relativos à desigualdade social, a desemprego e à posse de terras, a África do Sul continua sendo um importante parceiro comercial para o Brasil e potencial importador para os produtos do agronegócio brasileiro. Os setores tradicionais de exportação, como carnes, açúcar, fumo, soja e derivados, podem ampliar sua participação no mercado sul-africano à medida que o país expande sua economia e amplia seu mercado consumidor interno, além de explorar outras potencialidades do mercado local, como arroz, trigo, milho, frutas tropicais, rações para animais, óleos vegetais e de dendê, entre outros. ■

1. Adido Agrícola na Embaixada do Brasil na África do Sul
2. Primeira Secretária/Secom